

FRANCA



simpósio dos professores  
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

## UMA EXPERIÊNCIA DE SEMINÁRIO DE UTILIZAÇÃO DE TEXTOS.

**Eduardo d'Oliveira França (\*)**

**Resumo:** A pedido da Comissão que preside a este Simpósio, no intuito de oferecer, de improviso, uma colaboração que permita a abertura dos debates nesta sessão de problemas didáticos para a qual nenhuma comunicação foi ainda encaminhada, é que nos dispuzemos a apresentar as linhas gerais de um seminário que, na Cadeira de História Moderna, em São Paulo, vimos experimentando com nossos alunos, graças à ajuda de nossos assistentes.

Na verdade, pretendemos, no futuro, depois de maior aperfeiçoamento da técnica de sua realização e da apreciação dos resultados, após dois ou três anos de prática, apresentar à consideração dos colegas uma comunicação mais concreta e documentada. De momento, apenas visamos a suscitar críticas e sugestões no que se refere aos seminários como recurso de ensino no plano do ensino superior de História.

Trata-se apenas de uma variante da técnica do uso de textos para a formação básica de futuros pesquisadores. Em geral, nos seminários dessa natureza, atemo-nos ao comentário crítico dos textos apresentados, para que, praticando-o, o estudante aprenda a tratar as fontes, conhecendo os critérios de seleção, os procedimentos de compreensão de conteúdo, a elucidação de informações, os processos de comparação, enfim a inteligência do que lê. Este tipo já clássico de seminário, rico de oportunidades para a orientação dos espíritos é sempre de fundamental importância e não pode ser substituído quando se trata de preparar gente para a pesquisa. O estudante precisa saber que com textos, embora não apenas com eles, se faz História, bem como precisa saber avaliá-los, e sobretudo, saber achar o que eles dizem. Também não cogitamos de excluir outras modalidades de seminário que, aliás continuam a ser realizados na Cadeira de História Moderna.

---

(\*) — Professor de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

Neste seminário centra-se a nossa atenção na etapa subsequente à crítica e comentário, isto é, na **utilização do texto para redação da História**, no presuposto de que em anos anteriores já tenham os alunos aprendido a técnica do comentário crítico dos textos.

O aluno deve aprender agora a compor História mediante a combinação dos dados colhidos nas fontes. E a fazê-lo com lucidez, a fim de não recair na elaboração de simples relatórios das informações em mera ordem cronológica, a mais elementar pela técnica primária de costura daqueles dados oferecidos pelos documentos. Pretende-se que êle consiga ultrapassar o plano da crônica dos fatos e atingir a um tratamento verdadeiramente historiográfico dos elementos levantados na leitura das fontes. Isto só poderá ser atingido, em nível escolar, mediante treino adequado que permita a superação do empirismo por um esforço de sistematização, através do ensino concreto e prático das próprias técnicas do trabalho. E isto dizemos, justo na medida em que pensamos que o ensino superior, dados os seus objetivos culturais e profissionais, há de visar, antes de tudo, ao aprendizado de atitudes e de técnicas em relação às especializações ensinadas.

O seminário em questão é simples. Dados alguns textos de fontes contemporâneas, três ou quatro, sobre um mesmo tema da História, os estudantes devem, utilizando-se desses textos, e tão somente dêles, compor a dissertação histórica correspondente. A elaboração se faz em classe, autorizada a consulta de quaisquer apontamentos.

Os textos são entregues mimeografados e os alunos devem estudá-los para o seminário. Em classe, com a colaboração de todos, êles são analisados mediante crítica externa e interna para a determinação da validade relativa das informações e inteligência dos passos menos claros, o que pressupõe a marcação das passagens que reclamam reflexão, ou que contenham dados significativos a serem utilizados na redação futura. Essa inteligência prévia dos textos exige, é claro, indagações e estudos em outras fontes. Os textos são comparados para a verificação de coincidências ou contradições, e para o balanço do quanto uns completam os outros. Esta fase preparatória implica na determinação de critérios de preferência entre autores diversos ou de reservas críticas quanto a certas informações. Visa-se desde logo ao desenvolvimento do espírito crítico, combatendo-se a aceitação ingênua dos testemunhos, colocando-se o estu-

dante em situação de ter que optar entre dados de vária procedência.

Superada a fase da inteligência do texto não se pode ainda passar à redação. Tem-se a seguir de forçar o que chamaríamos uma saída do espírito de dentro da letra do texto para a consideração dos elementos colhidos e uma visão compreensiva dos dados. Devem então os estudantes descobrir a problemática que lhes permita uma consideração global dos fatos e a entrevisão das explicações. Definido o problema, ou problemas, retornarão aos textos para colherem os elementos que lhes permitam comprovar a correção das respostas que tenham encontrado. O que se pretende é que cheguem ao comportamento de quem não apenas rediz as informações documentais com outras palavras, mas procura, com base nelas, explicações válidas. Perceberão que as explicações possíveis podem variar conforme a ênfase dada a tais ou quais aspectos: o político, o cultural, o econômico, o social.

Definido o problema, volta-se aos textos para a seleção dos dados que permitam a redação da resposta ou das respostas. Planeja-se então a redação, por itens, com previsão dos passos a serem utilizados e das conclusões finais.

A redação final se faz mediante utilização dos textos, inserindo-se em rodapé as respectivas citações ora de um ora de outro, vedadas as transcrições *ipsis litteris*, para evitar-se a tendência a fugir à expressão própria. Exige-se uma formulação inicial da problemática; a seguir, um desenvolvimento argumentativo com base nos dados ou fatos, e uma conclusão explicativa final.

O aluno é livre de formular o seu tema que pode abranger apenas um aspecto do assunto, ou o problema de seu agrado, e de concluir no sentido que entenda ser o melhor.

As redações são corrigidas e devolvidas com a crítica. Algumas selecionadas, pelo acerto ou pelos erros, podem ser objeto de discussões posteriores. Insiste-se menos sobre o acerto das soluções encontradas, do que sobre a técnica da elaboração. Reclama-se boa redação: correção, logicidade, coordenação dos elementos, e que seja rigorosamente baseada nos textos, proibida a invocação da autoridade de historiadores que tenham tratado anteriormente do assunto. Não se pretende o aprendizado dos fatos de que tratam os textos, mas da técnica da utilização deles, ou seja, de como se escreve História.

Resta acrescentar que na escola dos textos há preocupação de proporcionar um máximo de experiências, desde a His-

tória essencialmente narrativa, a mais fácil, até a História das Idéias e Instituições, seguindo uma gradação de dificuldade crescente, começando-se com textos de História do Brasil com a qual os estudantes têm naturalmente maior familiaridade, antes de passarmos à História Moderna ou Contemporânea.

A maior dificuldade que temos encontrado na prática é a do melhor aproveitamento do tempo no sentido de obter-se maior rendimento, para que várias sejam as oportunidades de redação, e, por que não dizer, a falta de hábitos de reflexão dos alunos.

Teoricamente o procedimento parece-nos correto, permitindo ao professor ensinar para os estudantes situações concretas para aquisição de técnicas de trabalho. Quando nada fôsse, sempre terá sido útil ensinar os alunos a escrever História, o que geral e infelizmente não sabem, como se verifica nas provas de exames. E não sabem, porque nunca se lhes ensinou, dentro do sistema de passiva repetição de aulas mal anotadas contra o qual é preciso reagir.

\* \* \*

#### INTERVENÇÕES.

Do **Prof. Odilon Nogueira de Matos** (F.F.C.L. da Universidade de Campinas, S. P.).

Faz referência ao interesse e ao valor dos trabalhos de seminário de textos.

Lembra, ainda, a experiência da Universidade de Campinas, onde o estudo da História do Brasil, que tem início no 2.º ano, é precedido de um ano dedicado exclusivamente ao estudo das “fontes da História do Brasil”. Destina-se êsse curso a familiarizar os estudantes com todos os tipos de documentos, bem como com os autores antigos (séculos XVI a XVIII), com os quais o estudante deve necessariamente tratar ao estudar a História do Brasil propriamente dita. Os resultados dêsse ano preparatório têm sido os mais satisfatórios. O estudo, tanto dos documentos como dos cronistas, é feito através de textos mimeografados e, quando possível, através das próprias obras dêsses autores. Os documentos utilizados têm sido os mais variados: Atas da Câmara, inventários, testamentos, regimentos, forais, cartas de sesmaria, documentos oficiais, etc. E muitos autores têm sido estudados, todos aquêles cuja obras tenham algum valor para o conhecimento das condições de vida no Brasil colonial.

Tal experiência leva-o a sugerir aos colegas que lecionam História do Brasil, um trabalho científico nas diversas Faculdades de Filosofia.

\*

**Do Prof. Eurípedes Simões de Paula (F.F.C.L. da U.S.P.).**

Declara-se de pleno acôrdo com o que foi relatado pelo Prof. Eduardo d'Oliveira França, quanto ao ensino de seminário de textos de sua cadeira. Diz também que a cadeira que tem a honra de reger, isto é, a de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vem também fazendo o mesmo. Cita, por exemplo, o seminário do Prof. Pedro Moacir Campos, seu professor-associado, que vem ministrando um curso de seminário nos mesmos moldes do que foi preconizado. O Instrutor Aldo Janotti fará o mesmo no próximo ano com a História Greco-Romana.

Mas existe uma dificuldade no seminário de sua cadeira. Dispomos muitas vêzes, para um determinado assunto, de apenas uma única fonte, se bem que essa fonte possa ser interpretada de forma diversa por diversos autores.

Apesar das dificuldades, manifesta-se inteiramente de acôrdo com o tipo de seminário relatado pelo Prof. Eduardo d'Oliveira França.

\*

**Do Prof. Pe. Alfredo Domingues Lopes (F.F.C.L. de São Bento, P.U.C. S. P.).**

Declara que deseja apresentar uma observação paralela ao problema dos seminários de História exposto pelo Prof. França. Trata-se dos seminários, ou pesquisas como dizem muitos, realizados sôbre jornais. Certos professôres fazem estudos sôbre um ponto de História apenas sôbre jornais. Ora, os jornais e revistas são partidários, seguem uma determinada orientação política. Podem ser usados como fontes de História, com certa reserva. De outro lado, esta fonte não apresenta nenhuma dificuldade de ordem diplomática ou social, e corre-se o risco de cair num mero diletantismo e dar uma orientação errada aos estudos de História. Deseja, pois, que o Autor da comunicação chame a atenção dos presentes para êsse ponto.

\*

**Do Prof. Raul de Andrada e Silva (F.F.C.L. da U.S.P.).**

Pergunta se deve ou não ser o texto em língua estrangeira, com a respectiva tradução em língua portuguesa, ou na língua original e em tradução. Prefere apresentar a questão sob a forma de tema a ser debatido, embora a sua opção seja pela tradução, ao lado do texto original. Por essa forma, isto é, mediante debate, é que aparecerão as diversas experiências pessoais, capazes de esclarecer a questão.

\*

**Do Prof. Manoel Lelo Bellotto (F.F.C.L. de Assis, S. P.).**

Tece considerações a propósito da intervenção do Prof. Odilon Nogueira de Matos. Diz que também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis se faz uma reformulação do ensino de História do Brasil na seguinte base:

- 2.º ano História Colonial;
- 3.º ano: História do Império;
- 4.º ano: História da República.

\*

**Do Prof. Dióres Santos Abreu (F.F.C.L. de Presidente Prudente, S. P.).**

Faz uma apêlo ao Prof. Eduardo d'Oliveira França e ao Prof. Odilon Nogueira de Matos para que retomem o trabalho e publiquem um livro de textos para a História Geral e um outro para a História do Brasil, que haviam começado e que deixaram posteriormente de lado.

\*

**Do Prof. Carl Laga (F.F.C.L. de Marília, S. P.).**

1). — Com respeito ao problema de textos históricos, anuncia que está pronta uma primeira edição de textos dêsse tipo, elaborado por êle, dentro da matéria lecionada na Cadeira de História Antiga e Medieval, esperando apenas a solução de um problema técnico para ser lançada.

2). — Quer introduzir uma distinção entre textos históricos e documentos básicos em geral. Este conceito, sendo mais amplo do que aquêle, dá excelente oportunidade para alicer-

gar uma exposição histórica. Esclarece que aí se trata mais do que um Curso de História da Arte, que conta com algo de meramente ilustrativo, mas de um curso, qualquer que seja o seu nome, de introdução às conquistas modernas da arqueologia e da história da arte.

\*

Da **Profa. Maria de Lourdes Monaco Janotti** (F.F.C.L. da U.S.P.).

Afirma que nos contactos que manteve com as diversas delegações presentes sentiu uma grande disparidade de conteúdos ministrados na Cadeira de Metodologia e Teoria da História ou Introdução aos Estudos Históricos.

Solicita da mesa providências para que se encaminhe às diversas Faculdades um apêlo no sentido de estabelecer-se entre elas pontos de vista comuns que viessem beneficiar o ensino universitário.

\*

Do **Prof. José Ferreira Carrato** (F.F.C.L. de Franca, S. P.).

Propõe um novo currículo: matérias fundamentais e matérias optativas. A saber:

Curso articulado	Introdução aos Estudos Históricos	Cultura Brasileira
	História do Brasil (micro-história)	Arte Brasileira (Zequinha de Abreu,
	História Moderna e Contemporânea	Portinari, Euclides da Cunha) — Santa
	História Medieval	Rita do Passa Quatro, Brodosqui e São
	História Antiga	José do Rio Pardo.
	História das Idéias Políticas e Sociais	Folclore.
	História da Educação	Café.
	Sociologia	
	Geografia Física	
	Geografia Humana	
Literatura Brasileira.		

Denominador comum: A cultura do Nordeste Paulista.

\*

Do **Prof. José Luiz Pasin** (F.F.C.L. de Lorena, S. P.).

Acha muito interessante o plano do Prof. Carrato, ainda que o mesmo se apresente um tanto difícil de ser estruturado



e levado adiante, mas acredita que só teremos uma História do Brasil autêntica a partir do momento em que esta História for baseada em monografias regionais que deverão ser a base de qualquer empreendimento de âmbito nacional no setor de pesquisa e realização histórica do Brasil.

Exemplo disso é o vale do Paraíba, que desempenhou um papel primordial no II Império, constituindo-se na mola econômica e política do Brasil Imperial graças ao café. Até hoje não tivemos um trabalho de profundidade sobre esta região, sua influência na vida econômica e política do Brasil, a constituição e atuação de sua sociedade, estruturada em bases patriarcais, a sua arquitetura rural e urbana, os caminhos, os portos, como o de Paratí e Ubatuba, enfim toda a sua contribuição histórica — tudo isso está para ser feito, ao mesmo tempo que os arquivos e monumentos do Vale do Paraíba vão sendo destruídos, sem que ninguém tome alguma iniciativa no sentido de impedir essa devastação na nossa cultura histórica.

Disso tudo decorre a necessidade que têm as Faculdades de Filosofia de estruturarem cursos de história regional, estudando os aspectos de cada região, a fim de que num futuro próximo possamos elaborar a nossa História do Brasil em termos de base e não apenas de cúpula.

\*

**Do Prof. Frei Lauro de Carvalho Borges (F.F.C.L. de Franca, S. P.).**

Deseja interpelar o Prof. Carrato e perguntar-lhe no curso articulado que propôs, qual seria o papel de uma Cadeira de História da Filosofia, de uma Cadeira de Filosofia de História ou de uma de Introdução aos Estudos Históricos?

\*

**Da Profa. Olga Pantaleão (F.F.C.L. de Marília, S. P.).**

Declara que acha a proposta da organização de um curso de história articulado muito interessante e necessário para a formação do estudante de História. Entretanto, não lhe parece conveniente a organização de todo o ensino da História em torno do Nordeste Paulista, pelo seguinte:

1.º). — Na sua opinião essa região não possui aspectos tão característicos que nos permitam falar de uma cultura do Nordeste Paulista.

2.º). — Na sua opinião também haveria aí uma falha na formação do estudantes.

\*

Do **Prof. Walter F. Piazza** (F.F.C.L. da Universidade de Santa Catarina).

Indaga do Prof. Carrato qual seria o contexto cultural da área já levantado para a integração do curso?

Pergunta também quais as experiências já existentes em São Paulo e no Brasil como base para o trabalho da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca?

\*

Da **Profa. Maria da Conceição Martins Ribeiro** (F.F.C.L. de Rio Claro, S. P.).

Diz que existe falta de interrelação entre o ensino universitário e o secundário, quando a maioria dos alunos das Faculdades se destina quase que integralmente para o ensino. Os professores do ensino superior não podem ignorar o que se está tentando fazer no ensino médio.

Afirma que o que falta realmente no ensino superior é uma maior cooperação entre professores para se partir para o ensino planejado.

\*

Do **Prof. Ady Ciocci** (F. C. Econômicas “São Luís”, S. P.).

Discorre sobre o fato da Cadeira de História nas Faculdades e Ciências Econômicas ser desenvolvida em um ano, como História Econômica. Geralmente o professor dessa disciplina é uma especialista em História... Pretenderá, como é natural, desenvolver um programa a seu gosto e, às vezes, pouco interessante para um estudante de Economia.

Pergunta a opinião dos colegas a êsse respeito.

\*

Do **Prof. Daniel Vale Ribeiro** (F.F. da U.F.M.G.).

Declara que tendo em vista o despreparo de técnicas de estudo com que, via de regra, chega o aluno brasileiro à Uni-

versidade, julga da maior relevância a adoção de processos didáticos que visem à conquista de automatismos indispensáveis ao futuro pesquisador ou professor de História.

Afirma que a Cadeira de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, bem como as demais do Departamento de História vem tentando dinamizar o ensino de sua especialidade através de prática de seminários e conseqüente diminuição do número de aulas meramente expositivas.

O seminário de texto, que vem experimentando, registra um resultado animador. Sua organização obedece ao seguinte esquema:

1. — divide a classe em quatro grupos. Ao primeiro compete estudar e identificar as idéias fundamentais do texto do livro indicado e elaborar um quadro sinótico do assunto em tela;
2. — o segundo grupo parte do texto escolhido para estabelecer um relacionamento dêste com as experiências já adquiridas;
3. — o terceiro grupo procede ao seu enriquecimento. Cabe-lhe, pois, trazer novas experiências e complementar sua tarefa com a pesquisa bibliográfica;
4. — o quarto grupo, finalmente, encarrega-se da crítica e da síntese do trabalho proposto. Sua missão, como se vê, é das mais árduas e difíceis, já que lhe cabe a crítica das idéias expostas pelo autor escolhido, assim como a do trabalho das primeiras equipes.

Em suma, a técnica de trabalho em grupo, que aqui defende, — e que constitui excelente treinamento para o futuro estudo da metodologia do trabalho histórico — pode ser reduzida ao seguinte roteiro:

**1.º grupo. — Identificação do texto.**

- a). — estuda e identifica as idéias fundamentais do texto;
- b). — esquematiza e apresenta o assunto estudado.

**2.º grupo. — Relacionamento do texto.**

- a). — examina, cuidadosamente, o texto indicado pelo professor;
- b). — relaciona o assunto em estudo com conhecimentos já adquiridos.

3.º grupo. — **Enriquecimento.**

- a). — examina bem o texto escolhido;
- b). — complementa-o através de pesquisa às fontes fornecidas pelo autor do texto indicado;
- c). — recorre, ainda, a outras fontes bibliográficas disponíveis.

4.º grupo. — **Crítica e síntese.**

- a). — examina e estuda o texto;
- b). — critica as idéias expostas pelo autor e pelo grupo;
- c). — determina as conclusões do estudo elaborado.

\*

**Do Prof. István Jancsó (F.F.C.L. da U.S.P.).**

Declara que graves dificuldades de tóda ordem que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da Pontifícia tem que enfrentar, problemas que, acredita, são constantes nas Faculdades particulares, afetavam sobremaneira o rendimento dos trabalhos do Departamento de História e isso refletia-se, inclusive, na procura de vagas por parte de vestibulandos. A situação atingiu proporções alarmantes, levando inclusive à suspensão dos trabalhos no terceiro ano, por terem os seus alunos se transferido para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

A necessidade de solucionar o problema levou a um levantamento dos dados necessários para processar-se a qualquer reformulação e os resultados foram contundentes.

A parte alguns dados favoráveis, quais sejam a inexistência de cátedra vitalícia rigidamente incrustada e motivo de criação de áreas de interêsse que, por resguardadas, criam pontos de atrito entre diversos setores do Departamento; um clima de grande interêsse e quase pressão de alunos que exigiam o aprimoramento do ensino, e o apôio de um bom número de professores, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento não dispunha de biblioteca atualizada em História, não dispõe de verba e sequer de uma sala própria nas dependências da Escola. Existia ainda o problema da remuneração insuficiente dos professores, o que dificultava sobremaneira o recru-

tamento de profissionais de alto nível, fator êsse que, por sinal foi o mais fàcilmente superado.

Consideradas essas dificuldades e outras que seria longo demais enumerar, iniciou-se o estudo dos dados visando a superação parcial ao menos, do problema. Partindo-se do dado elementar de que uma Faculdade de Filosofia deve preparar tanto professôres para o magistério secundário quanto pesquisadores, projetou-se um currículo que viesse de encôntro a essas duas finalidades.

Dividiu-se o currículo em duas faixas, uma das quais visaria fornecer ao aluno um treinamento em pesquisa e, consideradas as dificuldades de ordem material de momento insuperável, decidiu-se que essa faixa giraria em tórno da Cadeira de História do Brasil. Êsse treinamento, idealizado progressivo, é precedido pelo fornecimento ao aluno de um equipamento conceitual (1.º ano) que lhe permite enfrentar com certa segurança os problemas que de imediato terá que enfrentar ao tratar de documentos.

Diciu-se que a Cadeira de História do Brasil ministraria 4 cursos semestrais (2.º e 3.º anos), montados em textos que serão fornecidos aos alunos, os quais, paralelamente ao curso teórico, analisarão êsses textos que fundamentais do curso. A dosagem de textos fornecidos aos alunos obedece a um critério de complexidade crescente, o que permitirá ao aluno (o futuro é utilizado porquanto a experiência é realizada com alunos de 1.º e 2.º anos, pois o currículo foi aprovado pelo Departamento em 1964), chegando ao 4.º ano, apresentar um trabalho original, fundamentado em pesquisa documental, orientado naturalmente por um professor do Departamento. Êsse trabalho será o elemento de avaliação do rendimento global do aluno e a aprovação do trabalho dependerá do aluno.

Essa faixa de treinamento é complementada por um aprimoramento do equipamento conceitual dos alunos. Para tanto são disciplinas obrigatórias nos 2.º e 3.º anos Sociologia, Economia Política e História das Doutrinas Políticas. Essas disciplinas trabalharão em estreita colaboração com a Cadeira de História do Brasil, de forma que os conceitos imediatamente se apresentam operacionais aos alunos. Isso é conseguido através de análise pelo professor de Sociologia, por exemplo, dos textos utilizados pela Cadeira de História do Brasil, naturalmente em função do seu curso. Está visto que isso implica numa seleção prévia dos textos, feita em conjunto pelas diversas Cadeiras. Note-se que os trabalhos são avaliados por

todos os professôres, o que, por reduzir o número de provas e trabalhos que normalmente são feitos por Cadeira, permite ao aluno dedicação mais intensa ao único trabalho programado por tôdas as Cadeiras em conjunto, para um determinado prazo de tempo.

Para o setor dedicado à formação de professôres de nível secundário, considerou-se que os cursos deverão ser estruturados em nível de um bom manual (**Clio**, por exemplo), recomendando-se que os professôres restringissem os trabalhos práticos ao mínimo necessário. Naturalmente isso limitaria as possibilidades de uma formação mais completa e, para superar-se isso, manteve-se a Cadeira de Historiografia nos 2.º e 3.º anos. Cadeira que funciona como uma espécie de eixo entre as duas faixas, através da análise crítica de obras fundamentais da historiografia mundial, o que lhe possibilita agir e complementar os trabalhos do setor destinado à formação de professôres para o ensino secundário, e da participação ativa nos trabalhos de pesquisa, colaborando com a Cadeira de História do Brasil.

Cumprê ainda lembrar que anualmente o Departamento indica uma matéria optativa desde que a Cadeira de História do Brasil o julgue necessário, para maior rendimento do curso. Essa matéria pode ser qualquer uma das lecionadas na Faculdade.

Posto isso, que é um resumo improvisado, em decorrência das circunstâncias, de uma justificativa bem mais ampla que foi apresentada ao Departamento de História e à direção da Faculdade quando da sua proposição, o currículo é o seguinte:

- 1.º ano — Metodologia, Historiografia, Antropologia, Introdução à Filosofia, Geografia Humana, História Antiga, História Medieval.
- 2.º ano — História do Brasil, Sociologia, Economia Política, História, das Doutrinas Políticas, Historiografia, História Moderna, História da América, Optativa.
- 3.º ano — História do Brasil, Sociologia, Economia Política, História das Doutrinas Políticas, Historiografia, História Contemporânea, História da América, Optativa.
- 4.º ano — História Eclesiástica, Filosofia da História, Elaboração orientada de um trabalho original.

Concluindo, sabemos que se trata de uma experiência e como tal, o trabalho elaborado apresenta falhas, algumas das

quais a nossa experiência já demonstrou, e outras devem ter passado despercebidas e que o plenário poderá apontar. Mas pode afirmar que, apesar de algumas falhas decorrentes mais de problemas extra-curriculares que são inevitáveis em qualquer Faculdade por mais privilegiada que ela seja, o rendimento dos alunos (e isso pode ser facilmente comprovado através dos trabalhos já apresentados) melhorou consideravelmente, o que significa que, se não conseguimos superar os problemas todos, ao menos estabelecemos pontos de referência sólidos para que essa superação venha a ser alcançada bem mais rapidamente do que se poderia supor há dois anos.



#### RESPOSTAS DO PROF. OLIVEIRA FRANCA. (resumo)

Pelo número de intervenções ocorridas verifica-se o interesse que todos temos em relação aos problemas da docência, número que se deve quase nada ao valor do que vimos de dizer, e muito à consciência que têm meus colegas da importância e da necessidade do aprimoramento dos processos do ensino da História no curso superior. Parece que devemos, com vistas ao próximo Simpósio, cogitar muito seriamente de comunicações sobre questões atinentes ao ensino, lembrando-nos de que nossa associação é de professores de História.

Passamos a responder, nos limites de nossas possibilidades e do tempo que temos, às questões formuladas, mais ou menos na ordem em que nos foram presentes.

O Prof. Odilon Nogueira de Matos, colega e companheiro de muitos anos, desde os tempos de estudante, é um velho batalhador pelo ensino com textos. Houve tempo em que juntos cogitamos da publicação de um **recueil de textes** de História do Brasil, o que nunca chegamos a realizar. Não podíamos ter dúvidas de que em sua cadeira na Faculdade de Campinas, o Prof. Nogueira de Matos permaneceria fiel ao gosto que tem pelo conhecimento das fontes. É uma satisfação saber que as lições que juntos tivemos e os planos que juntos imaginamos frutificam sempre no ensino de História do Brasil na Faculdade de Campinas, enquanto esperamos que o ilustre professor retome a idéia não esquecida de publicar uma seleção de textos para uso das faculdades.

O Prof. Simões de Paula, no mesmo sentido nos informa de que os seminários de textos são realizados em sua Cadeira de História Antiga e Medieval, observando a ocorrência de dificuldades para a seleção das fontes que às vezes são únicas. Pensamos que essa é uma real limitação, mais para a História Antiga que para a Medieval, quando se trata de levar o estudante ao trabalho de confronto crítico. Todavia essa limitação pode ser contornada na escolha de temática para a qual ocorra pluralidade de fontes. O seminário de textos é uma herança comum que temos de nossos professores franceses: como eu, o Prof. Simões continua uma tradição que vem de nosso tempo escolares. Desejo porém anotar que o seminário que foi objeto de nossa conversa anterior não é apenas o tradicional comentário de texto, mas avança para a utilização, na redação, dos textos analisados.

O Prof. Pe. Domingues Lopes da Faculdade de São Bento manifesta-se contrário a um tipo de pesquisa empreendida com alunos por professores, com utilização de jornais como fontes, e indaga nossa opinião opondo reservas à validade dos jornais e revistas como fontes. A nós nos parece, sem desejar entrar em polêmicas que aqui não cabem, que todas as fontes são fontes utilizáveis, desde que se tenha espírito crítico para correção das possíveis distorções devidas à parcialidade das fontes. Jornais são preciosas fontes para se estudar uma porção de coisas, inclusive o estado da opinião pública em determinado momento, sem contar que são repositórios de informações sobre os fatos cotidianos, sobre costumes, sobre a vida econômica, preços por exemplo, sobre tendências ideológicas. Tudo depende da forma de sua utilização. Levar os alunos à leitura de velhos jornais, parece-nos forma bastante sugestiva de desenvolver neles a curiosidade e o gosto pelas coisas do passado, de um passado relativamente próximo, mas que nem por isso é menos histórico. O professor deve saber ensinar a seus estudantes a não aceitar como verdade tudo o que escreveram os jornais, mas sobretudo a ver as realidades que se ocultam por detrás das palavras escritas. Estados de espírito, por exemplo. Cremos pois que se pode ensinar pesquisa pela consulta a jornais antigos, com cautelas porém.

Estamos plenamente de acordo com a opinião do Prof. Raul de Andrada e Silva quando, consultando, sugere que os textos sejam apresentados aos estudantes na língua original, acompanhados de tradução. Em princípio é esse o sistema válido, se se considera inclusive que o estudante domina mal



línguas estrangeiras, ou línguas mortas, e que muitas vezes a crítica reclama o texto original para a discussão de sua compreensão. Todavia há a considerar-se o dispêndio de vária natureza que êsse critério ideal impõe, inclusive de tempo de preparo do material. Ainda não temos equipamento suficiente, e apenas fazemos o possível. Não podemos sonhar com reproduções fotográficas, por exemplo, como vi fazer-se na Universidade de Coimbra, principalmente para o estudo de questões de ordem paleográfica. Existe, publicado pela Faculdade de São Paulo, uma antologia paleográfica da autoria do Prof. Roman Blanco, destinada justamente ao ensino da Paleografia entre nós. Não cremos, entretanto, que estejamos em condições de nos darmos ao luxo científico de requintes de fidelidade, teoricamente ideais. Se conseguimos mimeografar alguns textos e distribuí-los aos estudantes, enfrentando o trabalho e as despesas que isto significa, já estamos fazendo algo de positivo. Escolas existem que talvez sequer possuam mimeógrafo. O problema é trabalhar com textos, e trabalhar bem.

O Prof. Lelo Bellotto nos informa, a proposito de considerações feitas pelo Prof. Odilon de uma ordenação curricular no ensino da História do Brasil na Faculdade de Assis. Queremos apenas dizer, intrometendo-nos num debate que não é nosso, que somos dos que pensam que os currículos não são o mais importante, e podem variar muito de uma para outra faculdade: o essencial é o tipo de ensino que com êste ou aquêle currículo é ministrado. Isto porque, como já dizíamos em Marília, no primeiro de nossos Simpósios, a matéria é apenas amostragem da História, preparada para fins didáticos. O que nos deve preocupar é o ensino de atitudes e técnicas de trabalho no campo da História.

O Prof. Dióres Santos Abreu, da Faculdade de Presidente Prudente, com a confiança e simpatia de antigo aluno nos pede e ao Prof. Odilon a retomada de velhos planos que ficaram no passado. Difícil agora para nós que temos outros programas. Sentimos a tentação de devolver o apêlo para o Prof. Dióres e outros jovens professores como êle para que o façam, tendo como têm condições e entusiasmo para o fazerem. De nossa parte, ficaríamos na reserva, prontos a colaborar com sugestões e críticas de gente mais velha. A Associação bem podia cogitar de empreendimento dessa natureza, útil para todos nós na docência, principalmente para as faculdades que dispõem de menor acesso às fontes.

O Prof. Pe. Carl Laga, para alegria nossa comunica estar em fase final de impressão a Coleção que organizou de textos de História Antiga e Medieval na Faculdade de Marília. De trabalhos dessa natureza bem estamos precisados com vistas ao ensino. Expressamos a nossa satisfação a nossa satisfação pelo fato, e reconhecemos mais êsse débito em que ficamos, nós professores de História para com o Pe. Laga e para com a Faculdade de Marília.

Com a particular sensibilidade de professor de História Antiga, atento à documentação arqueológica, à utilização de restos materiais na reconstituição de civilizações do passado, observa ainda a distinção entre textos e documentação em geral. De pleno acôrdo, sem sombra de dúvida. Dos testemunhos do passado, os testemunhos escritos são apenas uma parte, e conforme a civilização considerada, sequer a mais importante. Para nós tudo é, ou pode ser documento, o material como o imaterial. A pedra ou a palavra que durou veiculando idéias ou experiências do passado. Temos por certo que outros documentos que não apenas os escritos, inclusive reproduções fotográficas podem ser material a ser utilizado em seminários com os estudantes. Ao trabalharmos com textos, eventualmente com mapas, não queremos significar que com isto exaurimos a documentação a ser utilizada por futuros pesquisadores. Deus nos livre de dar a êles tão completamente falsa idéia dos recursos documentais do historiador. Embora em certo momento tenhamos pensado nisso, não ousamos empreender uma ampliação do material didático usado, o que acarretaria grandes dificuldades, sem que num ano escolar tivéssemos tempo para superá-las convenientemente. De acôrdo, pois, com o Pe. Laga: na prática porém a gente tem que fazer apenas o viável no momento, tendo o cuidado de não dar noções ou perspectivas errôneas ou incompletas. Tupo pode ser documento; na impossibilidade de jogar com êsse “tudo”, na docência, contentamo-nos com uma parte dêle, pelo menos enquanto não podemos fazer mais que isso.

De D. Maria de Lourdes Janotti vem à Mesa uma sugestão para um entendimento entre os professores de Metodologia e Teoria da História para redução das disparidades que existem. À Mesa para decidir.

Afinal agradecemos a atenção com que nos ouviram e a participação nesta conversa sôbre ensino com que nos honraram.